

2-3

Coleção PENSAMENTO CRÍTICO
Vol. 46

Gueraldo - contempor.

texto

18 cop

Ficha Catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ.

H58

História do marxismo II: o marxismo na época da segunda Internacional / Eric Hobsbawm ... et al. ; tradução de Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Pensamento crítico: v. 46)

Tradução de: Storia del Marxismo. II: il Marxismo nell'età della seconda Internazionale

I. Socialismo - História I. Hobsbawm, Eric II. Série

81-0716

CDD - 335.409
CDU - 330.85(091)

EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial:
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

Walter (1985)

Franco Andreucci - Eric J. Hobsbawm - Oskar Negt
Hans-Josef Steinberg - Marek Waldenber
Irving Fetscher - Massimo L. Salvadori

HISTÓRIA DO MARXISMO
II

O Marxismo na Época
da Segunda Internacional

(Primeira parte)

Tradução de
Leandro Konder
e Carlos Nelson Coutinho

Gueraldo
18 copias



Paz e Terra

MAREK WALDENBERG

A estratégia política da social-democracia alemã

Na época da Segunda Internacional, assistimos tanto à conquista, por parte do marxismo, do movimento operário e socialista internacional, quanto à sua progressiva desagregação, que se dá simultaneamente com seu exuberante florescimento. Sem abordar especificamente esses problemas, cabe observar com o devido prestígio excepcional prestígio adquirido naqueles anos pela obra de Marx que levou personalidades e correntes socialistas a se dizerem ligados ao marxismo, embora lhe fossem essencialmente estranhas.¹ Desse modo, tendências ideológicas e políticas – que expressavam diversas experiências históricas e diferentes condições e aspirações da classe operária em vários países – terminaram por inserir suas próprias concepções na tradição marxista e por apresentá-las servindo-se do sistema conceitual marxista. Mesmo quando a fonte de inspiração ideológica delas era estranha ao marxismo (por exemplo, os anarco-sindicalistas tinham sofrido for-

1. O termo "marxismo" é aqui entendido de modo amplo, tal como aparece, por exemplo, em E.J. HOBBSBAWM, "La difusión del marxismo: 1890-1905", in *Stuud. Socíol.*, 1974.

temente a influência de idéias proudhonianas), não renunciaram geralmente a se dizer ligados também ou sobretudo a Marx.

Portanto, não é possível falar de uma estratégia política do marxismo; será necessário, ao contrário, examinar as várias formulações em relação com os filios que encontramos no âmbito desse pensamento. Em particular, poderemos distinguir uma tendência marxista "ortodoxa", uma revisionista e uma sindicalista revolucionária; mais problemática, nesse quadro, é a colocação na *Neue Linke*, a esquerda que se formou nos anos 1910-1914 na social-democracia alemã. E no interior dessa formação política, hegemônica na Segunda Internacional, que são sobretudo elaboradas as mais importantes concepções ideológicas daqueles anos, acolhidas todavia como formulações de valor geral para todo o movimento operário. Assim, no chamado marxismo "ortodoxo", costuma-se incluir a obra de Kautsky, desenvolvida em estreita colaboração com Bebel? enquanto o revisionismo tem seu número expoente em Bernstein? e a *Neue Linke* sobretudo em Rosa Luxemburg e em Pannecoeck, militantes do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), embora de nacionalidade estrangeira? Ao contrário, o sindicalismo revolucionário surge originariamente no âmbito do socialismo francês, ainda que sua versão italiana apresente inegáveis características de originalidade; ela resultou bem menos do que as outras correntes da obra de um determinado teórico individual.

2. No quadro desta contribuição, não é possível analisar detalhadamente as diferenças existentes nas concepções estratégicas dos maiores expoentes da corrente marxista daquela época. São diferenças aparentemente secundárias, cuja importância só se revelou com o passar do tempo, quando algumas concepções ideológicas puderam se desenvolver. Para nos limitarmos a um exemplo bastante conhecido, Lênin escrevia em 1905, em polémica com Pär Struve, para quem "comparado com o revolucionarismo dos Srs. Lênin & Cia., o revolucionarismo da social-democracia ocidental, o de Bebel e até o de Kautsky, é oportunismo", o seguinte: "Onde e quando pretendi criar, na social-democracia internacional, uma corrente particular, não *idémit*, ca à de Bebel e de Kautsky?" (V. I. LENIN; *Due partite della socialdemocrazia nella rivoluzione democratica*, in *Opere*, vol. 9, Roma, 1969, p. 57 [ed. brasileira, in *Obras Escolhidas*, Ed. Alfa-Omega, São Paulo, vol. 1, 1975]).
3. Cf. B. GUSTAFSSON, *Marxismus und Revisionismus*, Frankfurt, 1972. Objeto de análise particular deveria ser a questão das diferenças entre a concepção estratégica de Bernstein e as dos maiores expoentes de orientação reformista, como Jaurès na França, Turati na Itália, H. Branting na Suécia, Vandervelde na Bélgica, etc.
4. Kautsky escrevia que, apesar do caráter completo do sistema marxista, "o marxismo assume em cada país, de pleno acordo no plano das opiniões fundamntais, características particulares. O marxismo russo, inglês, francês, não são de nenhum modo a simples cópia do marxismo alemão, mas diferentes correntes espirituais" (*Neue Zeit*, 1904-1905, p. 589).

224

Se cabe falar de evolução em relação ao período anterior, e não de coexistência de alguns conceitos estratégicos do marxismo, apresentamos agora simultaneamente estratégias concorrentes e contrapostas, todas referentes, porém, à situação de países capitalistas avançados e a questões essenciais da transição do capitalismo ao socialismo. Deve-se observar que, naqueles anos, a expressão "estratégia política" é raramente empregada; muito mais com um fol o termo "tática", mesmo quando referido a uma política de longo prazo? Com efeito, na visão do mundo elaborada por Marx e Engels, a revolução ocupa um papel fundamental enquanto problema histórico do desenvolvimento da sociedade humana, que assegura ao proletariado o papel de coeiro do capitalismo. Na época da Segunda Internacional, os partidos socialistas - que tinham como meta, precisamente, essa profunda transformação da sociedade - emergiram como partidos em nítida contraposição ao regime capitalista; e, por "estratégia política", devemos compreender sobretudo, portanto, a previsão que eles faziam dos processos através dos quais deve se efetivar a passagem ao socialismo e a função que a organização da classe operária deve desempenhar nesses processos. Mesmo quando - superada a fase de puro protesto - houve um empenho ativo no sentido de uma política de reformas no quadro do capitalismo, o problema da relação entre luta pelas reformas e os objetivos revolucionários - inclusive em seu aspecto doutrinário continuou a ser um problema central. Ao abordar essas diversas problemáticas ideológicas e políticas nas páginas seguintes, espero ter sabido evitar que a necessária simplificação da análise prejudique a originalidade das teses expostas.

1. "A revolução não é algo que possa ser feito"

A visão do processo histórico tal como Kautsky o entende permitte-nos compreender como o maior teórico da social-democracia alemã projetava o problema de uma revolução socialista. É uma convicção difundida a de que sua teoria é caracterizada pelo fatalismo e pelo economicismo?, que ela não leva em conta a "síntese marxiana do determi-

5. Deve-se levar em conta, por exemplo, que Lênin intitulou seu trabalho, dedicado à estratégia do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) *Dois Táticas da Social-Democracia* (cf. meu trabalho *Revolução i partiso v russi politicheski Lenina*, Varsóvia, 1978); do mesmo modo, também a discussão entre a esquerda social-democrata alemã e a direção se travou em torno da "nova tática".
6. A grande divulgação dessas opiniões deve-se, em particular, ao trabalho de E. MATTHIAS, *Kautsky und der Kautskysyansmus. Die Funktion der Ideologie in der deutschen Sozialdemokratie vor dem ersten Weltkrieg*, Tübingen, 1951, com referências.

225

nismo econômico e do ativismo político"⁷; e que, pelo fato de ter demonstrado que a revolução socialista consiste na derrubada do capitalismo por meio de suas próprias contradições internas, de seu natural processo de desenvolvimento, sem intervenção dos homens, a doutrina kautskiana desembocou necessariamente no quietismo. Kautsky - afirma-se - combinou "o determinismo voluntarista no modo de conceber os fatos" com "um fatalismo quietista, com um automatismo econômico"⁸, pondo o evolucionismo no lugar da dialética, excluindo o elemento voluntarista e reduzindo o marxismo à teoria do desenvolvimento regulado e natural da sociedade capitalista.⁹

É preciso sublinhar a importância que desempenhou na época a tese da inevitabilidade do declínio do capitalismo e do triunfo do socialismo. Essa convicção ainda era viva no SPD no período inicial de sua atividade. Não sem razão, lem-se sublinhado que foi esse fato um dos fatores que ajudaram o SPD a superar o difícil período das leis excepcionais contra os socialistas; e é justo ver naquela convicção uma das causas ideologicamente mais importantes da popularidade das massas proletárias. A tese correspondia às exigências psicológicas das relações sociais e o sistema político provocaram a discriminação dos proletários, ao considerá-los como uma categoria de cidadãos perigosos que deviam ser isolados do resto da nação. Juntamente com a tese sobre a importância histórica do proletariado, ela dava às massas operárias o sentimento de seu próprio valor de classe e o valor do operário singular enquanto elemento da força coletiva que liberaria a humanidade inteira da exploração, da opressão, do envilecimento e da miséria. Desse modo, contribuiu para alimentar a grande fé na vitória definitiva.

7. referência particular às opiniões de K. Korsch, sobre tudo em seu *Die materialistische Geschichtsauffassung. Eine Auseinandersetzung mit Karl Kautsky*, Leipzig, 1929, e também ao trabalho de K. F. BRECKSCHMIDT, *Die deutsche Sozialdemokratie bis zum Fall des Sozialengesetzes*, Stuttgart, 1929. Para opiniões mais equilibradas, cf. H. J. STEINBERG, *Sozialismus und die deutsche Sozialdemokratie*, Hannover, 1969, e H. GROH, *Negative Integration und revolutionäre Atomismus*, Hannover, 1968.

8. STEINBERG, *Sozialismus und die deutsche Sozialdemokratie*, cit., p. 60.

9. W. STÖTSCHALCH, *Strukturveränderungen der Gesellschaft und politischer Handeln in der Lehr von Rudolf Hilferding*, Berlin, 1962, pp. 64-65.

10. Cf. G. A. RITTER, *Die Arbeiterbewegung in Wirtschaftlichen Reich*, Berlin-Dahlem, 1959, p. 97.

Os marxistas tinham consciência dessa função ideológica fundamental da tese da inevitabilidade do declínio do capitalismo e do triunfo do socialismo. "Kautsky não hipostasiava a necessidade histórica, mas entendia essa necessidade como uma determinada atividade humana e seus resultados. Se o surgimento de novas instituições e de novas estruturas sociais pode ser considerado como resultante de efeitos voluntários e não voluntários da atividade humana, Kautsky considerava a formação de um novo sistema socialista como um processo no qual a ação que visava à realização do socialismo tinha grande importância. O fato de que o socialismo fosse julgado por Kautsky como uma necessidade histórica - ou seja, inevitável - não significa que ele acreditasse possível realizar tal necessidade independentemente da consciência e do empenho dos homens. Para a vitória do socialismo, é indispensável uma ação voltada para esse objetivo, ou melhor, é necessária uma força eficaz e uma profunda vontade da classe operária. Ao afirmar que o triunfo do socialismo é inevitável, Kautsky pensava que a classe operária tivesse a vontade de realizar o socialismo e fosse bastante forte para fazê-lo, superando qualquer resistência adversária. A convicção de Kautsky fundava-se numa constatação fundamental da sociologia marxista, relativa à formação da consciência e da vontade das classes sociais e sobre a análise do capitalismo.

Para demonstrar que Kautsky atribuiu caráter fatalista ao processo histórico, costuma-se frequentemente recordar sua afirmação de que a social-democracia é um partido revolucionário, mas não um partido que "faz" a revolução, já que a revolução não é algo que possa ser "feito". Todavia, para entender corretamente essas palavras, é preciso vê-las no contexto histórico e no debate da época. E também preciso esclarecer quem não "faz a revolução" e quando não se faz a revolução. Kautsky, mais de uma vez, opôs-se à chamada teoria do colapso geral do capitalismo e sublinhou que a revolução socialista deve ser obra da classe operária. Sua tese se referia sobretudo aos movimentos e aos partidos políticos, sendo dirigida contra as tendências blanquistas e o putschismo. Ela tendia também, provavelmente, a proteger a social-democracia contra uma nova edição das leis anti-socialistas

10. Sobre a função dessa tese como "estimulante ideológico" e "exatante (mas ao mesmo tempo dos narcóticos), tornada necessária e historicamente justificada pelo caráter subalterno de determinados estratos sociais", cf. A. GRAMSCI, *Quaderni del carcere*, nos cuidados de Valentino Gerratana, Turim, 1975, pp. 1377-1378 e 1394-1395 [ed. brasileira: *Concepção Dialética da História*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981]; cf. também H. DE MAN, *Ontologie des Sozialismus*, Varsóvia, 1937, p. 280.

promulgadas por Bismarck e contra eventuais intervenções da magistratura. A constatação de que "a revolução não é algo que possa ser feito" significa, sobretudo, que a revolução não pode ser realizada num momento estabelecido por determinadas forças políticas ou por um indivíduo, mas deve ser realizada no momento justo, quando estejam maduras as condições indispensáveis. As características da época fizeram com que Kautsky collocasse várias vezes em destaque a necessidade de esperar que as premissas do socialismo amadurecessem ainda. Ele se referia sobretudo, porém, ao desenvolvimento contínuo da consciência e da organização do proletariado.

Será igualmente necessário esclarecer o sentido do que foi chamado de "expectativismo revolucionário". Segundo alguns autores, a expressão significaria considerar o desenvolvimento do socialismo como um processo que se desenvolve independentemente da vontade humana; por isso, dever-se-ia esperar que ele resultasse da evolução dos eventos históricos. D. Groh - que utilizou essa fórmula como título de um seu estudo - escreve que esse processo era entendido "como um desenvolvimento que se podia promover através da agitação e da organização, cujo ápice seria alcançado no momento do colapso geral da sociedade burguesa e do Estado, na base de leis sócio-econômicas, em grande medida de modo independente da vontade dos indivíduos. Já que cada vez mais faltava um sujeito histórico da revolução, essa assunção a forma de um evento natural".¹¹ Para T. Meyer, o "expectativismo revolucionário corresponde estrategicamente a um socialismo que concebe a si mesmo como ciência não na ação e na indicação de estratégias de transformação política, mas na expectativa do momento em que a história produz a revolução".¹²

A meu ver, a questão do expectativismo foi vista corretamente por Otto Bauer em seu livro de 1936, *Entre duas guerras mundiais*, onde toma como ponto de partida um fenômeno também sublinhado por Lênin: depois da queda da Comuna de Paris, iniciou-se na Europa Central e Ocidental um período - já então quase semi-secular - de desenvolvimento pacífico do capitalismo, um período durante o qual não existiu para a classe operária a possibilidade de passar à ofensiva revolucionária e no qual, portanto, a revolução tornou-se apenas uma esperança para o futuro. Os partidos operários não podiam fazer ou-

tra coisa senão ocupar-se da luta pelo melhoramento das condições de trabalho e de vida do proletariado, da luta pela ampliação dos direitos políticos; do desenvolvimento dos sindicatos e da atividade parlamentar. "Embora a teoria do socialismo no continente europeu permanecesse revolucionária, a prática cotidiana no longo período de paz devia-se limitar à luta pelos direitos, à luta através dos meios legais; a luta pelas reformas no interior da sociedade capitalista".¹³ Com isso, esperava-se que o desenvolvimento do movimento operário obrigasse as classes dominantes a usar meios contra-ofensivos capazes de criar situações e probabilidades de vitória do proletariado através da luta violenta. A expectativa de uma revolução no futuro, portanto, unia-se a atividade presente, concentrada na luta por reformas. O "expectativismo marxista", por isso, contrapunha-se tanto ao reformismo quanto ao chamado sindicalismo revolucionário. Julgava-se oportuno evitar absolutamente qualquer empreendimento revolucionário, na convicção de que não existia - na situação da época - nenhuma probabilidade de sucesso, nem era possível indicar à classe operária outro caminho que não fosse o do desenvolvimento do movimento através da luta cotidiana em favor dos interesses cotidianos da vida operária. Na confiança de que uma situação revolucionária terminaria por se impor, pensava-se que a tarefa mais importante do partido consistia em proteger o proletariado da influência nefasta das demais classes e em manter a expectativa numa catástrofe revolucionária, precisamente essa atitude difundiu um comportamento de negação total diante da sociedade existente. Bauer escreve:

O mais eminente representante dessa fase do desenvolvimento do socialismo marxista, que em verdade não colocava ao movimento operário de então nenhuma tarefa revolucionária, mas que, em nome da perspectiva revolucionária, queria manter nos partidos operários uma relação de antagonismo em face do sistema capitalista e dos partidos burgueses, foi Karl Kautsky.¹⁴

Nessa estratégia revolucionária, o lugar central é ocupado pela questão referente à conquista do poder estatal pela classe operária, representada pelo partido socialista. Foram expressas diferentes opiniões sobre esse problema. Por vezes, ele foi visto como expressão do agigantamento do papel atribuído ao poder estatal, do papel da violência na criação de novas relações e estruturas sociais, na qual se nota a influência do blanquismo, no sentido que Bernstein atribuiu a esse

11. GROH, *Negative Integration*, cit., p. 57.

12. T. MEYER, *Bernstein Konstruktor Sozialismus*, Berlin-Bad Godesberg, 1977, p. 36.

13. Cf. O. BAUER, *Zwischen zwei Weltkriegen?*, Brautlawa, 1936, p. 244.

14. *Ibid.*, p. 249.

termo. Ou seja, "a teoria da limitada força criadora da violência política revolucionária e de sua explicitação: a expropriação revolucionária" - Independentemente do fato de que os marxistas "ortodoxos" - de resto, de modo análogo a Marx e Engels - não avaliaram as dificuldades econômicas resultantes do processo de substituição do capitalismo pelo socialismo, dever-se-ia levar em conta que, de acordo com suas convicções, a conquista do poder estatal não teria permitido a realização das transformações socialistas e não ser que fossem criadas também as premissas econômicas para tais transformações, premissas que, de resto, na opinião deles, já existiam nos países industrializados.

A convicção de que a conquista do poder estatal era indispensável como condição preliminar para a realização das transformações socialistas e de que a revolução devia começar pela revolução política estava implícita na própria concepção da revolução socialista: já que o socialismo é, antes de mais nada, socialização dos meios de produção, essa socialização só é possível com a apropriação dos meios de produção pelo Estado, ou seja, através da "expropriação dos expropriadores", realizável apenas mediante a intervenção do poder estatal. O anelamento de interesses entre proletariado e burguesia exclui a possibilidade de uma reparição do poder entre essas classes. Em casos excepcionais e por breve tempo, é possível uma participação dos socialistas num governo burguês, mas isso não significa o início da tomada do poder pela classe operária. Se alguns marxistas não excluíam a possibilidade de que o proletariado se apropriasse gradualmente do poder, deve-se observar que tal eventualidade era julgada como um caso excepcional.

Um elemento bastante importante na estratégia política do marxismo ortodoxo, também no que se refere à prática política, era a questão do caminho a seguir para chegar ao poder, e, quanto a isso, as opiniões deles criavam já então fortes divergências, cuja interpretação é até hoje objeto de discussão. Sem dúvida, era convicção dos marxistas ortodoxos - convicção freqüentemente repetida - a de que as formas de revolução política e de conquista do poder pela classe operária podiam ser diversas e dificilmente seriam previsíveis com exatidão. Entre todos, o caminho preferível era, na opinião deles, o legal e pacífico, mas eles sublinhavam também que não dependia da classe operária,

nem da social-democracia, tomar esse caminho possível: essa possibilidade dependia da classe dominante. Em tal situação, a social-democracia era convocada à realização de uma política que levasse em conta todas as possibilidades.

Embora a opinião mais difundida fosse a de que, no centro dessa estratégia, estivesse a tendência ao caminho parlamentar para a conquista do poder, sou levado pessoalmente a supor que os marxistas ortodoxos, mesmo não excluindo que tal forma de revolução fosse possível, consideravam-na pouco provável, sobretudo por causa da avaliação que faziam do capitalismo como um regime fortemente regressivo. Ao contrário de Bernstein e de seus seguidores, não se alimentavam muitas dúvidas sobre o fato de que, tão logo as classes dirigentes perdessem o perigo que as forças democráticas representavam para elas, tentariam sufocá-las. Fundamentando-se na análise das bases políticas da burguesia e das camadas intermediárias nas últimas décadas, bem como nas transformações ocorridas no seio da burguesia, Kautsky previa que - nas formas mais avançadas de capitalismo - a democracia se revelaria uma forma de regime muito inócua para a burguesia. Sublinhando a ampliação da importância do capital financeiro, ressaltava a sua tendência para o uso da violência.

Já na passagem do século XIX para o XX, indicando como exemplos a guerra contra os boers e o caso Dreyfus, observava que o espírito de arbitrio crescia em todo o âmbito da civilização européia e determinava uma reação e decadência gerais no mundo burguês. Percebia a mesma tendência também na pequena burguesia, que ele via numa atitude de espera do "homem forte". O desenvolvimento dos monopólios aparecia-lhe estreitamente ligado ao espírito de intolerância e de arbitrio, que está na raiz de toda forma de autocracia e de todo movimento que tenda a um regime ditatorial. Nesse particular, Kautsky concordava com a tese - posteriormente afirmada várias vezes por Lênin - de que os monopólios criam tendências reacionárias, tanto em política interna quanto internacional.

Nessa tomada de posição, deve-se certamente ter presente o desenvolvimento do pensamento de Kautsky. Se, ainda no início do debate com Bernstein, ele não negava a possibilidade de definir formas democráticas de Estado capitalista, mais tarde chegou a prognosticar que a regressão do sistema referia-se não apenas ao Estado semi-absolutista alemão, mas também aos países democráticos, incluindo a Inglaterra. Ao mesmo tempo, Kautsky estava convencido - como a maior parte dos social-democratas - de que o sistema capitalista não poderia funcionar corretamente, por muito tempo, na ausência de formas democráticas. Enquanto, inicialmente, pensava que o período

15. E. Bernstein, *l'essai sur le socialisme et l'avenir de la social-démocratie*, Bari, 1974, p. 61 [ed. brasileira: *Socialismo Evolucionário*, Zahar, Editores, Rio de Janeiro, 1964].

reacionário não podia durar por muito tempo e seria seguido pela insurreição ou restabelecimento do Estado democrático, mais tarde previu que a tentativa de involução do sistema criaria um tal aguçamento da luta de classes que provocaria a derrubada do próprio sistema capitalista. Em tal situação, as classes dominantes não estariam dispostas a ceder o poder sem luta e teriam notáveis possibilidades de defender suas próprias posições, além de poder contar com o apoio de numerosos organizações, além de poder contar com o apoio de uma parte considerável, se não mesmo da maioria, das camadas médias. Falhava, porém, a estratégia política dos marxistas ortodoxos uma resposta adequada ao problema do caminho que o proletariado provavelmente seguiria para a conquista do poder.

A possibilidade de uma conquista do poder através de uma revolução armada era considerada com ceticismo ainda maior do que o manifestado por Engels, em sua famosa *Introdução* de 1895 a *As Lutas de Classe na França*, de Marx. As concepções de Kautsky sobre o assunto sofreram notáveis variações. Até a revolução russa de 1905, julgou bastante escassas as possibilidades de uma vitória através de uma revolução armada nos países da Europa Central e Ocidental; depois da experiência daquela revolução, mostrou-se propenso a modificar a opinião de que "pertenciam agora ao passado a época das barricadas" e encorou com otimismo as possibilidades de uma insurreição vitoriosa. Todavia, já em *O Caminho para o Poder* (1907), não se refere à revolução, e, em suas considerações sobre a revolução armada, podem-se distinguir dois problemas. O primeiro se refere à questão de saber se a maioria da classe operária estaria disposta a enfrentar uma tal forma de luta. Em sua opinião, nos países onde o proletariado já desfrutava de alguns direitos políticos e dispunha de organizações legais, onde vigorava um regime pelo menos parcialmente democrático, como na própria Alemanha, as massas proletárias não se dispunham a essas formas de luta, a não ser que houvesse uma tentativa de privá-las dos direitos políticos já conquistados. Devo dizer que talvez não estivesse muito seguro nem mesmo dessa hipótese, em particular no que se refere ao proletariado alemão, por causa do seu característico modo de pensar. Diversa, ao contrário, era sua avaliação no que se referia à situação da Rússia, onde — pensava — as massas não tinham nada a perder. O segundo problema, mais complexo, era o seguinte: mesmo dada a pronta adesão das massas operárias à revolução armada, que probabilidades de sucesso essa teria nos países de economia desenvolvida?

Decerto, não carecia de peso o fato de que não havia nenhuma experiência de vitória numa revolução armada do proletariado, com exceção dos eventos da Comuna de Paris. Maiores esperanças eram de-

postadas, talvez, na greve geral de massa, vista então com avaliações diversas, e que fora inicialmente um terreno de choque entre anarquistas e anarco-sindicalistas, por um lado, e social-democratas, por outro. Mais tarde, áspetas discussões a respeito tiveram lugar também no interior da social-democracia. Mesmo definindo a greve política como "a arma talvez mais revolucionária do proletariado", Kautsky não tinha uma clara visão sobre o mecanismo de seu desenvolvimento. Suas considerações concentravam-se sobretudo nas condições que poderiam tornar vitoriosa uma greve, ou seja, levar à capitulação da sociedade burguesa, particularmente na Alemanha. A greve política, segundo Kautsky, tinha a tarefa de desagregar o governo; por isso, era necessário, antes de mais nada, que o proletariado fosse a parte predominante da sociedade, que estivesse preparado e bem organizado em sua maioria. Isso requeria a existência de uma indústria muito desenvolvida e de um proletariado com um longo aprendizado de lutas políticas e sindicais. O governo, ao contrário, deveria ser fraco em seu interior, "privado de cabeça", não gozando da confiança nem do exercício, nem da burocracia, além de carecer do apoio da maioria do povo.

No opúsculo *A Revolução Social*, Kautsky escrevia — provocando um acesso ressentimento na imprensa reacionária — que a guerra poderia se tornar o meio para acelerar o desenvolvimento político e para colocar o poder nas mãos do proletariado. Em 1909, afirmara que, se a guerra fosse desencadeada, apesar da oposição do proletariado, essa seria a classe social com as maiores esperanças para o futuro. Em *A Revolução Social*, Kautsky sublinhava que, apesar de tais possibilidades, a social-democracia opunha-se à interrupção de uma guerra, consciente da terrível devastação que ela provocaria, uma devastação tal que tornaria muito mais difíceis os problemas que seriam herdados pela revolução que se seguiria, empenhando todos os seus meios e absorvendo todas as suas forças. Além disso, a guerra poderia levar também ao enfraquecimento da classe revolucionária, por causa do elevado número de vítimas e do processo de barbarização moral e intelectual que dela decorreria. Haveria portanto, um enorme aumento de responsabilidades para o movimento revolucionário, que poderia perder todo o seu impulso.

Como se disse, a orientação predominante visava a uma conquista do poder de modo para-parlamentar, graças ao apoio que a maioria da sociedade daria ao programa social-democrata. Era uma visão diretamente inspirada na *Introdução* de Engels, de 1895; às *Lutas de Classe*

na França.¹⁶ Será o caso de observar que esse apoio, para Engels, fazia parte da técnica da luta pelo poder, e não era apresentado como um princípio ideológico. A convicção de que as classes dominantes não esperariam o momento no qual a regime democrática tivesse obtido a maioria para tentar abater o regime democrático levava a considerar possível que se chegasse à luta decisiva pelo poder antes de ter sido obtido o apoio da maioria. Na eventualidade de que apenas no curso da luta fosse possível obter o alinhamento da maioria com as posições social-democratas, revelava-se necessário que a conquista do poder ocorresse quando o partido estivesse próximo de obter o apoio da maioria. Os opositores dos marxistas ortodoxos atribuíam menor importância a essa condição, considerando bastante possível obter o apoio da maioria em decorrência do desenvolvimento da indústria e do processo de concentração do capital, que teria provocado um crescimento numérico absoluto do proletariado, enquanto o seu estado social favorecia a tomada de consciência socialista. Nessa estratégia política, a questão dos aliados do proletariado não tinha um papel importante. Kautsky, que se ocupou do problema mais do que os outros marxistas ortodoxos, considerava provável — ainda nos inícios dos anos 90 — que grande parte da pequena burguesia e dos camponeses apoiasse a social-democracia, tão logo essa se houvesse convertido num partido forte. Mais tarde, ao contrário, foi frequentemente levado a sublinhar como essas camadas estavam se tornando cada vez mais reacionárias, de modo que se revelava cada vez menos possível contar com elas. A deterioração de suas condições — pela qual elas responsabilizavam sobretudo a classe operária e a social-democracia, e não o desenvolvimento da concentração da produção capitalista e o aumento da influência das associações empresariais sobre o aparelho estatal — levava-as a assumir atitudes cada vez mais hostis em face do regime democrático, e as tornava propensas às agitações demagógicas e reacionárias. Retorcendo as próprias esperanças nas conquistas coloniais, choviam-se também nesse ponto com o proletariado e a social-democracia, contrários à política imperialista.

Um aspecto particularmente importante da questão das alianças referia-se às classes rurais. Ao contrário do que por vezes temos, os camponeses não eram para Kautsky uma "massa reacionária". Ele distinguia, no interior deles, três grupos: camponeses pobres, obrigados também a um outro trabalho, semiprotetidos; camponeses mé-

16. Cf. L. LONGINOTTI, "Friedrich Engels e la rivoluzione di maggioranza", in *Studi Sociali*, 1974.

dios, que se mantinham, via de regra apenas com sua propriedade, sem empregar outros trabalhadores; e, finalmente, pequenos proprietários rurais, empregadores. Em princípio, ele considerava necessário e realista, ainda que não fácil, buscar obter o apoio do primeiro grupo; e era favorável a organizar agitações entre esses camponeses, opondo-se porém aos temas que pudessem despertar o seu interesse como proprietários. Ao contrário, considerava com cepticismo a possibilidade de que a social-democracia obtivesse o apoio dos camponeses médios, e, ao que parece, inclinava-se a crer que a ação política no interior desse grupo daria efeitos desproporcionais aos esforços, enquanto resultados bem melhores poderiam ser alcançados se a atividade fosse dirigida no sentido de conquistar vários grupos de proletários e semiprotetidos, que ainda estavam sob a influência dos partidos burgueses e dos Junkers. Não que pensasse que a camada dos camponeses médios estivesse destinada a desaparecer ao contrário, Kautsky foi precisamente um dos primeiros marxistas a modificar essa previsão, ainda difundida na social-democracia nos inícios dos anos 90. Suas posições acerca da realidade daqueles anos) que o camponês "médio" era sobretudo um proprietário, ou, pelo menos, considerava-se com tal; e essa condição influenciava seu modo de pensar e sua orientação política. Não considerando possível provocar uma virada na orientação política desses camponeses, e opondo-se às posições de quem propunha conquistar a simpatia deles adaptando o programa e a política do SPD aos interesses e à mentalidade dos pequenos proprietários, Kautsky era levado, por outro lado, a atribuir escassa significação a uma atitude desse grupo social que fosse favorável à luta da classe operária pelo poder, sublinhando o fato de que os camponeses estavam se tornando uma parcela cada vez menor da sociedade. Deve-se notar como o apoio dos camponeses médios era avaliado somente em relação com a estrutura social, deixando-se de lado qualquer consideração sobre o papel da produção agrícola na economia nacional, mesmo porque se tendia a pensar que a agricultura era subordinada à indústria e deveria se desenvolver de modo análogo a essa.

Sem dúvida, o problema das alianças com as classes camponesas — e, em particular, a busca do apoio dos camponeses médios — podia levar a um desenvolvimento das tendências reformistas, na tentativa de adaptar a política e inclusive a ideologia aos interesses de certos grupos de camadas médias. Os efeitos positivos, derivados da extensão da influência da social-democracia, seriam provavelmente anulados por conseqüências negativas; a uma tal colocação do problema das alianças, deve-se talvez atribuir o fato de que, em princípio, os

marxistas — com a exceção dos social-democratas russos — deixaram de lado, em sua política, a questão da aliança entre operários e camponeses. Isso derivava, inequivocamente, um perigo de auto-isolamento, que Kautsky julgava inevitável. Entre o fim do século XIX e o início do XX, o maior teórico da social-democracia alemã, embora tão interessado pela questão camponesa que chegou a lhe dedicar (precisamente naqueles anos) um de seus estudos mais importantes (*A Questão Agrária* de 1899), julgou oportuno o isolamento do movimento operário, tendo em vista a formação da consciência política das massas proletárias; uma aversão que se reforçava ainda mais porque Kautsky se opunha ao processo de "enraizamento" nas estruturas já existentes. Jaurès viu exatamente essa tendência de Kautsky quando observou: "Kautsky aceita a cooperação e a colaboração temporárias do proletariado com alguns elementos das demais classes; mas, ao mesmo tempo, adverte o proletariado, aconselhando-o a refugiar-se com a máxima frequência no que chamáramos de isolamento em seu aspecto mais puro".

O problema do auto-isolamento, frequentemente abordado nos escritos da época, deve ser considerado em estreita relação com o problema da integração da classe operária e do partido social-democrata nas estruturas capitalistas. A vontade de se opor a tal processo devia, naquelas condições, suscitar necessariamente uma forte hostilidade à cooperação com outras classes e outros partidos; e isso se manifestou sobretudo nas campanhas eleitorais e no parlamento. De certo, Kautsky jamais afirmou que a política de isolamento total fosse justa, mesmo porque ele sempre fugia das posições extremadas, como, por exemplo, as defendidas por Guesde, e jamais aceitou o conceito da neutralidade da classe operária e de seu partido diante das lutas "burguesas". Assim, no curso do caso Dreyfus, Kautsky manifestou sua própria admiração pela ação empreendida por Jaurès, o qual, como se sabe, empenhou-se a fundo na defesa do capitão judeu, ao contrário de Guesde, que se declarou a favor de uma política de não-ingêrnica no "caso". Kautsky, embora tenha julgado essa atitude não marxista e secretária, e, como tal, contrária aos interesses da classe operária, preocupou-se fortemente com as consequências da saída do isolamento do partido francês, ainda mais depois que se manifestaram as concepções táticas dos reformistas e dos revisionistas, orientadas no sentido de

uma colaboração completa e sistemática com os partidos burgueses de esquerda, tendo em vista uma coalizão governamental.

A convicção de que a revolução socialista teria em princípio, um caráter puramente proletário influenciava, de modo essencial, a imagem do papel do partido socialista, já que eliminava as tarefas ligadas a necessidade da conquista de aliados, à capacidade de dirigir as várias correntes na luta anticapitalista, à obtenção da hegemonia do proletariado nessa luta. As concepções dos marxistas ortodoxos sobre as tarefas do partido social-democrata foram definidas em relação, sobretudo, com o modo de entender o processo histórico. Por um lado, o ponto essencial da revolução política, enquanto elemento indispensável da revolução social, é visto na conquista do poder pela classe operária, pela ação da maioria do proletariado; portanto, a força do proletariado é definida não apenas pelo papel que ele desempenha no processo de produção, mas também pelo seu grau de organização e de consciência, cuja realização é tarefa essencial do partido. Por outro lado, a concepção da revolução como processo espontâneo e a falta de clareza sobre os mecanismos revolucionários e sobre a situação pós-revolucionária determinavam a exigência de conhecer as tarefas organizativas do partido na preparação e realização da revolução durante a crise revolucionária.

A tese segundo a qual o partido "não faz a revolução", portanto, significava a impossibilidade não só de criar uma situação revolucionária, mas também de prever o momento em que essa situação se verificaria. O partido podia desempenhar seu papel de propulsor nas lutas revolucionárias se, quando da eclosão de um movimento espontâneo, as massas estivessem organizadas e disciplinadas através de um trabalho político empreendido há muito tempo.

Nessa perspectiva, ligada à passagem do capitalismo para o socialismo, colocava-se também a relação entre revolução e reformas, ou seja, entre a luta pelo poder e a luta por transferência no âmbito do capitalismo: o problema se tornava cada vez mais fundamental com o crescimento da afirmação entre as massas do movimento socialista e com a atenção cada vez maior prestada pelas organizações da classe operária à luta pelas reformas. Nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, a discussão entre a ala radical e a ala reformista não colocou em questão a necessidade da luta por reformas políticas e sociais no quadro do capitalismo. Precisamente porque o movimento socialista visava a se tornar o movimento de massas do proletariado, essa luta se revelava indispensável, inclusive para dar à classe operária consciência e confiança em seu próprio poder e para levá-la a compreender a importância da solidariedade de classe e da organização

classista nas relações sociais e políticas fundamentais. Ao mesmo tempo, um resultado positivo em tal luta contribuía para melhorar as condições de vida miseráveis e humilhantes do proletariado. A luta pelas reformas foi, portanto, geralmente considerada pelos marxistas como uma condição indispensável à preparação da classe operária para a revolução.

A discussão se travava sobre os objetivos alcançáveis através de reformas sociais e políticas, sobre os desenvolvimentos e os métodos de tais lutas, com o objetivo de conseguir o resultado máximo e, ao mesmo tempo, de desenvolver a preparação do proletariado para a luta pelo poder. Segundo os reformistas, seria possível, através das reformas, modificar gradualmente o caráter da base real e da superestrutura política; e, portanto, o problema consistia em tentar obter o maior número de reformas e as mais vantajosas possíveis. Para os marxistas ortodoxos, a relação reformas-revolução era muito mais complexa: mesmo recusando categoricamente a política do "quanto pior, melhor", eles não ignoravam a multiplicidade dos efeitos das reformas e sua contraditoriedade interna, ou seja, o perigo de que as reformas pudessem levar a classe operária e sua organização a se integrar em nas estruturas sócio-políticas já existentes.

Desse ponto de vista, o problema da aliança com os partidos da esquerda burguesa colocava-se em função da ação deles em favor de reformas. Tal aliança foi considerada pelos reformistas como uma condição indispensável para o sucesso de uma política desse tipo, enquanto as demais correntes marxistas, em geral, se não recusavam a colaborar com esses partidos e não os julgavam indiscriminadamente como uma "única massa reacionária", manifestavam freqüentemente ceticismo sobre as possibilidades de obter o apoio dos mesmos para reformas importantes, e se acreditava que tão somente o temor de não mais poder contar com votos-proletários nas eleições políticas constituía o elemento decisivo para obrigá-los a dar tal apoio.

Colocando como elemento central de sua concepção estratégica o problema da conquista do poder estatal, os marxistas ortodoxos deixavam sempre em aberto o processo posterior de transformação econômico-social socialista. Não erradamente T. Mayer referiu-se, a esse respeito, a um "*Konzeptionelles Vakuum*". "Era uma atitude que derivava de diversas considerações. Antes de mais nada, a influência da tradição anti-utópica marxista, a qual considerava como entrando nos limites da utopia toda tentativa de prefigurar um ordenamento social de caráter socialista, recordando a recusa de Marx de preparar receitas para a "cozinha do futuro". Deve-se notar, porém, que os marxistas

ortodoxos não revelaram ser capazes de avaliar as dificuldades que surgiriam no curso da transformação socialista."

São significativas, por exemplo, as declarações de Bebel no Reichstag, em 1893, por ocasião do debate sobre o "Estado futuro": "quando a social-democracia tivesse chegado ao poder - afirmava - encontraria uma solução justa para todos os problemas. E ele se declarou convencido de que a nacionalização de todas as empresas industriais se realizaria com grande facilidade, a ponto de aparecer com "um único a se deter mais detalhadamente no problema da transição ao socialismo, era levado a pensar que os capitalistas não poderiam opor demasiada resistência à nacionalização dos meios de produção, já que as medidas do Estado em favor dos desempregados modificariam profundamente a correlação de forças entre capitalistas e operários, e estes ficariam em condições de impor seus próprios termos. A nacionalização, ademais, seria realizada provavelmente com a compra das propriedades capitalistas mediante obrigações do Estado ou dos municípios e com a imposição de altos impostos progressivos sobre as rendas.

Por conseguinte, a expropriação dos meios de produção seria um processo relativamente simples; além disso, o grande número de empresas não constituía, em sua opinião, uma dificuldade grave, porque "a maturidade para o socialismo mede-se não pelo número de pequenas empresas ainda existentes, mas pelo número de grandes empresas que já existem".¹⁸ Uma parte das pequenas empresas sobreviveria mais longamente, sobretudo onde predominasse o trabalho manual, enquanto outras cessariam suas atividades. As pequenas empresas agrícolas só mudariam suas características de modo lento e gradual, cedendo ao processo de socialização. Particularmente difícil se revelava, por outro lado, a planificação da produção, que porém poderia ser simplificada graças à redução do número de empresas após a liquidação das pequenas e a concentração da produção nos modernos estabelecimentos ativos, funcionando em três turnos, durante vinte e quatro horas.

Os marxistas ortodoxos não previam uma forte oposição da burguesia e, sobretudo, esperavam que a intelectualidade, incluída a em-

18. Esse modo de ver as coisas foi particularmente evidenciado por Parvus, o qual - abrindo em primeiro lugar a polêmica contra Bernstein na *Schakische Arbeiterzeitung*, de 1898 - chegou a afirmar que, se a social-democracia alemã tivesse conquistado o poder, a sociedade capitalista deixaria de existir no decorrer de seis meses.

19. K. KAUTSKY, *Am Tage nach der Revolution*, Berlin, 1907.

pregada no aparelho estatal, iria se alinhar com o proletariado vitorioso.²⁰ A socialização da propriedade capitalista dos meios de produção devia ser realizada gradualmente, mas a um ritmo veloz, já que o poder político do proletariado não tolera uma longa coexistência com o poder capitalista.

As previsões referentes às condições em que se processaria a conquista do poder, em particular a sua obtenção com o apoio da maioria da sociedade, na qual a classe operária seria a parcela mais numerosa, assim como a convicção de que o processo de transformação socialista ocorreria com relativa facilidade, sem provocar abalos demasiadamente violentos no funcionamento da economia, definiam predominantemente a imagem de poder revolucionário já constituído.

Supunha-se geralmente que a forma do Estado seria uma república democrática parlamentar; e, se não se excluíam inteiramente possíveis limitações dos direitos e das liberdades políticas dos adversários no curso da revolução, o problema – de qualquer modo – não recebia contornos precisos.

Quando Bernstein se manifestou contra a ideia da diadura do proletariado, seus adversários colocaram a questão na ordem do dia;²¹ e Plekhanov se pronunciou, em termos particularmente significativos, no II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, em 1903, obtendo a aprovação de Lênin. Em termos que foram definidos como "jacobinos", ele defendeu o princípio da diadura do proletariado, enunciado no projeto de programa do Partido, afirmando que – depois da conquista do poder – dever-se-ia adotar o princípio de que a lei suprema é o bem da revolução; e não se deveria recuar nem mesmo diante da necessidade de privar a burguesia dos direitos políticos, ou de dissolver o parlamento, no caso dos adversários políticos terem obtido a maioria.

2. *Gradualismo e alianças na concepção revisionista*

Uma estratégia política das correntes reformistas formou-se gradualmente nos vários partidos social-democratas; mas foi formulada a fundo somente por Bernstein, que elaborou uma argumentação teórica mais explicitada. Segundo essa concepção, o problema central na

passagem do capitalismo ao socialismo não é tanto a conquista do poder político pelo proletariado, mas sim a socialização dos meios de produção e a organização da produção de acordo com os princípios do socialismo. Isso deriva, sobretudo, de duas circunstâncias: A primeira é que, embora as grandes empresas sejam sempre mais numerosas e desempenham um papel cada vez maior na economia nacional, o processo de concentração da produção e do capital não ocorre segundo os ritmos e as modalidades previstas por Marx: as pequenas e médias empresas, com efeito, não desaparecem e é previsível que, no futuro, continuem a existir em grande número. A socialização desse enorme número de empresas não é possível. A segunda circunstância que obstatuiza o processo de transformação socialista é o fato de que a classe operária não possui ainda as capacidades necessárias para substituir o capitalismo pelo socialismo. Se a primeira dificuldade era julgada por Bernstein como permanente (embora não resultasse claramente por suas argumentações se o processo de concentração da produção não ocorria tão velozmente como Marx havia previsto, ou se era destinado a não se verificar de modo algum), o segundo obstáculo era considerado com maior otimismo: a preparação da classe operária para realizar as transformações socialistas cresceria progressivamente, embora de modo gradual e em tempo relativamente longo. Por conseguinte, a social-democracia – mesmo se tivesse conquistado o poder – não teria condições de realizar uma socialização rápida e integral dos meios de produção, e o insucesso nessa tentativa terminaria por desorganizar a vida econômica e por provocar a revolta da grande maioria da sociedade contra o partido social-democrata.

Era central em Bernstein a preocupação de que a transformação socialista das relações de produção se realizasse sem perturbar o processo produtivo. Ele temia, ademais, a emergência de uma burocratização da vida econômica, no caso de uma rápida socialização dos meios de produção. A passagem do capitalismo para o socialismo não podia ocorrer como um "salto", mas sim gradualmente e no interior do sistema capitalista; as relações socialistas de produção devem evoluir antes mesmo da chegada ao poder da social-democracia, do mesmo modo como as relações capitalistas de produção se formaram no quadro do sistema feudal. O capitalismo deve evoluir no sentido do socialismo; e esse processo irá durar décadas, num longo período de economia mista.²²

20. Cf. a carta de Engels a Bebel, 24 de outubro de 1891, e a resposta de Bebel, 29 de outubro, em *August Bebel's Briefwechsel mit Friedrich Engels*, aos cuidados de W. Blumberg, 3. Gravenhage, 1965, pp. 465-468.

21. Cf. K. KAUTSKY, *Bernstein und das sozialdemokratische Programm*, Stuttgart, 1899, p. 172.

22. Para uma exaustiva apresentação dessa concepção, cf. MEYER, *Bernstein Kons-truktiver Sozialismus*, etc.

Essa era a previsão de transformação da sociedade que Bernstein considerava realista. Seu realismo consistia sobretudo em prever uma evolução em sentido democrático das formas do Estado, que perderia o seu caráter classista, de supremacia de uma classe sobre outra. Precisamente essa forma de Estado criaria a plena possibilidade de uma tomada do poder legal e pacífica pela social-democracia; a possibilidade se traduziria em realidade graças à adesão da maioria da sociedade à social-democracia. Ainda que Bernstein não previsse como iminente essa transformação pacífica do Estado e da sociedade, ele não tinha dúvidas quanto à sua executibilidade, apesar do contínuo aumento do número de proprietários. Ele contava com o fato de que a social-democracia, transformando sua ideologia e sua política, obteria a adesão de uma parte relevante das camadas médias, e, apesar do melhoramento das condições de vida dos operários no sistema existente, a maior parte deles continuaria sempre a se identificar com a ideologia socialista.

Todavia, antes que a social-democracia conseguisse obter o apoio da maioria da sociedade, deveria tentar formar uma coalizão de governo com uma parte dos partidos burgueses, na medida em que é verdade que, na história, nenhuma classe jamais alcançou imediatamente a totalidade do poder estatal. Tal como as relações econômicas, também o sistema político deve se transformar através de uma metamorfose progressiva: as estruturas mistas devem aparecer tanto na base quanto na superestrutura.

Bernstein não negou que pudessem se verificar tentativas de paralisar a evolução do sistema estatal no sentido de um sistema democrático parlamentar, ou mesmo de fazer regressar as formas de Estado existentes; mas confiava em que tais tentativas seriam votadas ao fracasso. Suas previsões otimistas refletiam seu modo de conceber a evolução das relações entre as classes, tendente a uma atenuação dos antagonismos e das lutas de classe. Um dos princípios fundamentais dessa estratégia política era a convicção de que uma parte considerável da burguesia, bem como alguns partidos burgueses, estariam dispostos a aceitar uma evolução gradual para o socialismo.²³

Essa esperança se baseava não apenas na convicção de que, diante da crescente força da classe operária, o bom senso levaria a burguesia a assumir um tal comportamento, mas também sobre algumas concepções sociológicas e, em particular, sobre algumas idéias relativas às

motivações do comportamento humano. São essas considerações que aproximam Bernstein do chamado "socialismo ético". Suas críticas ao materialismo histórico tinham como meta combater as teses segundo as quais os interesses de classe influem profundamente sobre o comportamento político, para colocar em evidência, ao contrário, o peso das concepções éticas. Para facilitar a formação de tal opinião na burguesia, contribuiriam os métodos justos de socialização dos meios de produção, e, em primeiro lugar, o princípio da expropriação com resarcimento dos prejuízos. As hipóteses formuladas sobre a dinâmica das relações entre as classes ligavam-se, por seu turno, às previsões sobre o funcionamento da economia capitalista, que deveria funcionar de modo mais harmonioso que no passado.

Essa estratégia, ainda que de modo completamente diverso da dos marxistas ortodoxos, relacionava portanto a ação pelas reformas com a luta pela substituição do capitalismo pelo socialismo. Dessa abordagem decorriam as principais consequências no que se refere à organização política da classe operária. O partido socialista deveria instruir e organizar a classe operária, tendo por meta exercer sua própria influência sobre outras camadas e classes, e concentrando todos os esforços na luta pelas reformas sociais e políticas. Nessa batalha política, deveria cuidar de obter uma forte posição no Parlamento e de conseguir a colaboração de alguns partidos burgueses.

Um importante papel caberia também a outras organizações da classe operária e, em particular, aos sindicatos e às cooperativas: por um lado, a atividade dessas organizações deveria permitir uma melhoria das condições de vida do proletariado no interior do sistema existente; e, por outro, tais organizações desenvolveriam na classe operária as capacidades necessárias para a realização das transformações socialistas.

O movimento operário organizado, portanto, deveria renunciar à política de contraposição total à sociedade e ao Estado existentes, uma política de simples contestação. A atribuição de um papel tão importante ao sindicato e às organizações econômicas da classe operária explicaria, para os defensores dessa estratégia política, a razão do seu protesto contra quem a definiu com uma estratégia meramente parlamentarista - "*Nurparlamentarismus*" -, ainda que ela indubitavelmente atribuisse um papel fundamental à atividade da social-democracia no Parlamento, considerando o caminho parlamentar como o único que poderia levar a classe operária ao poder.

Se a concepção de Bernstein não excluía a eventualidade de métodos ilegais de luta e do uso da força, esses métodos eram indicados como admissíveis, porém, somente no curso das lutas pela instauração

23. P. ANGEL, *Bernstein et l'évolution du socialisme allemand*, Paris, 1961, p. 431; a referência de Meyer, Angel indica a essência do revisionismo na idéia de que o socialismo pode ser aceito pela esquerda burguesa.

do regime democrático ou das lutas provocadas por tentativas reacionárias contra um regime político liberal, ou seja, no quadro da estratégia da luta pela democratização. Ao contrário, a decidida oposição de Bernstein não só de suas previsões sobre a evolução da sociedade capitalista, mas também de sua própria visão do socialismo. Dissó resultava sua crítica radical à ideia da ditadura do proletariado. Na hierarquia dos valores políticos, o lugar principal - para Bernstein - era indubitavelmente ocupado pela liberdade; e, em sua opinião, portanto, a garantia da liberdade dos cidadãos devia ser considerada como mais importante do que a realização de qualquer postulado econômico; nem ele aceitava que a a realização de tais postulados pudesse ocorrer ao preço de limitações da liberdade. Não era por acaso que ele tendia a sublinhar as relações entre socialismo e liberalismo: a tese de que o socialismo é o sucessor do liberalismo deveria não só facilitar a evocação da colaboração com os partidos liberais, até à obtenção da democratização da Prússia e do Reich alemão, mas também ilustrar essa orientação, demonstrando que uma parte da burguesia aceitaria a evolução até o socialismo.

3. As hipóteses revolucionárias da esquerda

A estratégia política da esquerda social-democrata alemã, nos anos imediatamente anteriores ao desencadearmento da Primeira Guerra Mundial, não assumiu caráter político internacional e não encontrou eco, de modo geral, fora das fronteiras da Alemanha. Mesmo os que demonstravam interesse por sua crítica não percebiam, via de regra, a presença de uma completa alternativa à estratégia dos marxistas ortodoxos.

Pode-se indagar se a ideologia da *Neue Linke* (nova esquerda), ao propor uma nova tática, tivesse verdadeiramente a intenção de elaborar novos métodos de luta para uma estratégia mais ofensiva no quadro da política social-democrata. Na realidade, sua concepção se manteve bastante vaga, enfraquecida pelas divergências entre os maiores expoentes da esquerda e, em particular, entre Rosa Luxemburg e Pannekok. O contraste entre eles se manifestava sobretudo na interpretação do processo revolucionário, dos mecanismos de formação da consciência de classe e da vontade revolucionária das massas proletárias. A luta pelo poder foi entendida como processo revolucionário de longa duração, durante o qual o proletariado poderia repetidamente tomar o poder e depois perdê-lo, até a conquista definitiva. Essa opinião foi apresentada por Rosa Luxemburg já na época de sua polêmi-

ca com Bernstein²⁴, em sua opinião, no curso das lutas revolucionárias, a consciência revolucionária e a vontade das massas proletárias se desenvolveriam; o exército revolucionário, portanto, seria formado no curso da luta e não antes de seu início.

Desenvolvendo a ideia do processo revolucionário, Pannekok elaborou uma interpretação do seu mecanismo que era profundamente diversa da que havia sido anteriormente difundida nos círculos radicais da social-democracia. Se, entre esses grupos, é evidente a preocupação com a expansão de atitudes oportunistas e o desejo de apoiar vigorosamente as lutas de classes, deve-se também observar o fato de que não é elaborada uma tática nova; aliás, não por acaso, a opinião predominante em tais círculos era a de que não se tratava tanto de modificar a velha linha, mas sim de aplicá-la com firmeza. O proletariado - escrevia, ao contrário, Pannekok - devia se preparar para a revolução aumentando sua força; e, quando houvesse chegado o momento oportuno, abalaria o domínio do capital. Nesse sentido, revolução significa - não só em suas consequências econômicas, mas também no método - modificação rápida: a força do proletariado é empregada, pela primeira e última vez, de um modo inteiramente novo; portanto, devem ser adotados novos métodos de luta, e, entre esses, a greve de massa como instrumento de pressão e o combate nas ruas. A luta de classe se diferenciava da guerra na medida em que os exércitos se formam no curso dos choques de classe. Para empreender a luta, é necessária a força, mas, por outro lado, só a luta cria a força. Portanto, as premissas necessárias para a conquista do poder se criam durante a luta, e não podem ser formadas em condições de paz. Isso significa que a revolução não é uma ação isolada, mas um processo.

Com relação a essa colocação do processo revolucionário, pode-se indagar se os expoentes da *Neue Linke* - tomando como hipótese o desencadearmento de ações de massa em larga escala, e, antes de mais nada, as greves de massa - consideravam essas ações como o instrumento para criar uma situação revolucionária. Por isso, à opinião difundida entre marxistas ortodoxos, segundo a qual a situação revolu-

24. Também para Rosa Luxemburg, o modelo de processo revolucionário é sempre a revolução burguesa na França (cf. J. HENTZE, "Aspekte der Revolutionstheorie Rosa Luxemburgs", em *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 1974, nº 2, p. 47); é preciso, contudo, ter presente que, naquele caso, as fases sucessivas, até (excluída) a Restauração, permitiram à burguesia ampliar cada vez mais o seu poder e, pelo menos, permitiram-lhe conservar as transformações fundamentais ocorridas no curso da revolução. Ao contrário, no caso da revolução socialista, segundo Rosa Luxemburg, isso não se revelava possível.

cionária - condição necessária para emprender a luta pelo poder - surge como efeito de condições objetivas, e o movimento operário organizado deve portanto esperar que tal situação se verifique, a *Neue Linke* contrapunha uma visão na qual o elemento voluntarista era de certo modo preponderante: o movimento operário, aproveitando-se do descontentamento das massas ligadas ao proletariado, deveria criar ou acelerar uma situação revolucionária. Era essa, por exemplo, a interpretação que Kausky dava da política elaborada pela *Neue Linke*, polemizada com os maiores ideólogos dessa corrente. Com efeito, como observa K. Otowski, Rosa Luxemburg considerava as greves de massa como um instrumento para a ruptura gradual da ordem existente, com o fim de provocar caos e choques violentos. Segundo U. Katz, ela entendia por greve de massa um longo período de luta de classe, durante o qual a ordem se transformava paulatinamente em caos. São juízos que reencontramos formulados também por estudiosos de nosso tempo, que falaram a tal respeito de "*revolutionäre Eskalationsaktik*" (tática da escalada revolucionária). Deve-se notar, porém, que Rosa Luxemburg refutou frequentemente essa interpretação de sua visão política, e, em particular, negou que pretendesse criar uma situação revolucionária mediante greves de massa.

De qualquer modo, uma tal concepção do processo revolucionário determinava também o modo de entender a organização da classe operária, seu papel e, sobretudo, seu partido. Com efeito, era necessário tornar em consideração a possibilidade de que, no curso de ações de massa ou durante a própria luta revolucionária de longa duração, as organizações de classe do proletariado fossem submetidas à reversão pelo adversário, mesmo sem serem derrotadas. O problema esteve no centro da polémica entre Pannekock e Kausky; e teve particular importância para o movimento operário organizado. Já no início da discussão, Pannekock - mesmo declarando-se de acordo com a possibilidade de que o Estado dissolvesse as organizações rebeldes contra seus ordenamentos, chegando a sequestrar os fundos do movimento e a prender seus líderes - escrevia:

Mas esses atos de violência não podem produzir nenhum efeito; assim, pode-se apenas destruir a forma externa, mas não prejudicar a essência interna. A organização do proletariado, que nós definimos como o instrumento mais forte, não pode ser identificada com a forma organizativa e com as associações atuais (...). Na substância de tal organização, há algo espiritual: a plena transformação do caráter dos proletários.²⁵

25. A. PANNKOCK, "Mussensaktion und Revolution", in *Neue Zeit*, 1911-1912, pp. 343-344.

A classe dominante pode destruir as organizações operárias só aparentemente, já que os operários jamais voltarão a ser o que eram antes, ou seja, pessoas com mentalidade individualista. Para Pannekock, as organizações operárias diferem de todas as outras organizações na medida em que, em seu interior, nasce e se desenvolve um sentimento de solidariedade, que leva à plena subordinação do indivíduo à comunidade; isso faz a força das mesmas e é a base da nova sociedade que está nascendo.

O empenho no sentido de manter viva as organizações de classe não devia se constituir num freio para a energia revolucionária das massas. Ao analisar o problema da relação entre as massas e seus dirigentes, Pannekock sublinhava como o partido havia ensinado às massas que ações desperçadas de indivíduos ou de grupos singulares são impotentes: tão-somente juntos, graças a uma atividade organizada, as massas poderiam obter sucessos. O partido disciplinou as massas e evitou que elas perdessem infrutiferamente suas energias revolucionárias. Um outro aspecto positivo consiste na indicação de um método eficaz para aplicar e dirigir essa energia. Precisamente por isso, Pannekock pensa que as massas não darão início espontaneamente a uma ação revolucionária, mesmo no caso de estarem em forte agitação, porque contarão com o partido para chamá-las à ação. Em outras palavras: o partido não pode esperar que as massas, privadas de parte de sua energia espontânea precisamente em consequência da formação de uma organização disciplinada, sejam capazes de uma explosão. Se um longo esforço político fez com que a característica das massas se tornasse a disciplina e a confiança nos líderes, o partido tem a tarefa de chamá-las à ação no momento oportuno. Ele deve saber determinar o momento justo, que não será quando já for impossível evitar a violência explosão das massas, mas sim quando, às relações sociais provocaram nelas uma agitação e paixão tão fortes que as grandes ações terão possibilidades de êxito.

4. Renovação moral e mito no pensamento dos sindicalistas revolucionários

É uma tarefa bem mais complexa tentar apresentar sinteticamente as concepções dos sindicalistas revolucionários. Em primeiro lugar, porque - ao contrário das outras concepções a que nos referimos - elas não eram obra de um ou de poucos ideólogos, nem foram jamais "codificadas" pelos seus criadores. Na França, o sindicalismo revolucionário se desenvolveu sobretudo em decorrência da iniciativa de um grupo de intelectuais - G. Sorel, H. Lagardelle e E. Berr - , assim como de alguns ativistas do movimento sindical, que formularam suas

concepções também em publicações (sobretudo V. Griffuelhes e E. Pouget). Na Itália, único centro de desenvolvimento do sindicalismo revolucionário, além da França, o movimento foi promovido sobretudo por Arturo Labriola e E. Leone. Todavia, é necessário observar desde já que, entre as concepções desses sindicalistas revolucionários, existem notáveis diferenças. Em segundo lugar, deve-se notar que as posições dessa corrente não eram muito estáveis nem muito claras, especialmente no que se refere aos projetos de sociedade socialista e aos métodos para realizá-la.

Os elementos fundamentais da estratégia dessa corrente se articulavam em torno de três teses. A primeira, referente ao Estado, inspirava-se nos princípios anarquistas e postulava que a revolução socialista consiste não na conquista do poder estatal pelo proletariado, mas na abolição da organização estatal. Se a revolução significasse a conquista do poder pelo partido socialista, não seriam realizadas nem a igualdade nem a liberdade, mas se verificaria apenas a mudança dos grupos sociais privilegiados. Por isso, não é aceitável nem a concepção de um gradual domínio do Estado democrático pelo partido socialista, nem a idéia de uma instauração da ditadura do proletariado.

A segunda tese se referia às formas de organização da classe operária. Os sindicalistas revolucionários rejeitavam decididamente não só a visão do sindicalismo como correia de transmissão entre o partido e as massas, mas também a paridade entre as duas formas de organização da classe operária. Os partidos socialistas eram julgados organizações externas à classe operária, geralmente estranhas por causa de sua composição social não homogênea e pelo fato de serem dirigidas não por proletários, mas quase sempre por políticos provenientes da intelectualidade. Na opinião dos sindicalistas revolucionários, a forma básica do movimento operário é constituída pelos sindicatos, os quais, ao contrário dos partidos socialistas, são uma organização específica de classe, exclusivamente proletária. Eles dirigem a luta através das greves e outras formas de ação direta, antes ainda que existam as condições para realizar o ataque definitivo contra o capitalismo, ou seja, a greve geral, cuja direção igualmente lhes cabe. A própria existência de um partido operário é considerada com suspeição e substancial aver-são: o papel dele, com efeito, deveria se limitar à luta pela democratização do Estado capitalista, e, nesse caso, o campo principal de sua atividade deveria ser o Parlamento; e o parlamentarismo é considerado como a principal escola dos compromissos, como o terreno da colaboração entre as classes e como um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento do antagonismo de classe. Já que a revolução não consiste na tomada do poder, a classe operária não precisa do partido para is-

so; mas esse é superfluo também no que se refere à formação da consciência revolucionária, que se forma durante a luta de classe direta, enquanto as lutas pelo melhoramento das condições econômicas no quadro do capitalismo vão sendo conduzidas pelos sindicalistas.

A terceira tese central referia-se às formas da luta revolucionária. O fruto da luta de classe deveria ser a greve geral, a forma de luta que ocupava o lugar de destaque na ideologia do sindicalismo revolucionário; os maiores expoentes dessa corrente dedicaram muitas páginas de seus trabalhos à análise da greve geral, indicando-a como o instrumento capaz de paralisar o Estado burguês e de permitir aos sindicalistas, desse modo, apossar-se dos meios de produção e substituir o aparelho estatal. A revolução se realizaria através da greve geral; mas, antes que se apresentem as condições adequadas para a revolução, antes que os patrões e o aparelho estatal estejam suficientemente enfraquecidos e o proletariado suficientemente forte, a greve geral — como as greves normais — deve ser o instrumento de educação da classe operária para o desenvolvimento do espírito revolucionário e, ao mesmo tempo, o meio de luta a usar para obter as reivindicações ordinárias da classe operária.

A exaltação da greve geral está no centro das *Réflexions sur la violence* de Sorel, que indica nessa forma de luta a própria essência do socialismo; a greve geral, com efeito, é um ato de violência revolucionária, através do qual o capitalismo irá ceder lugar ao socialismo. A noção sorliana de greve geral tende a se distinguir radicalmente de outras ações desse tipo, manifestadas na prática do movimento operário. A própria greve geral ocorrida na Rússia em 1905 é encarada com deslanchamento crítico; e quase com desprezo são recordadas as greves gerais organizadas pelo proletariado belga na luta pelo direito eleitoral democrático. Com efeito, Sorel distingue entre greve geral "proletária" ou "sindical" e greve geral "política", ou seja, promovida e dirigida pelo partido, por políticos, que é julgada como um mero instrumento nas mãos dos políticos, visando à satisfação de interesses pessoais e que, portanto, não pode ser um meio de libertação do proletariado.

Decerto, a greve geral aparece como uma ação não claramente definida nas páginas de Sorel, ligada por muitos aspectos à sua concepção do "mito" social, enquanto fenômeno irracional e voluntarista, capaz de liberar uma extraordinária quantidade de energia social, e, portanto, enquanto poderoso motor de ação. Assim, a greve de massa é o símbolo puramente intuitivo e sugestivo, capaz de integrar e conduzir as massas à ação, reagindo contra a tendência à adaptação ao sistema dominante; capaz também de despertar e garantir o espírito

revolucionário entre os operários e fazer com que a luta do proletariado se eleve acima de uma revolta de escravos.

Precisamente na interpretação da greve geral aparecem, de modo particularmente claro, as diferenças entre as concepções dos ideólogos do sindicalismo revolucionário e as concepções dos ativistas sindicais. Para esses, o sindicalismo revolucionário era o instrumento de luta para os êxitos econômicos do proletariado e para a obtenção de uma supremacia econômica. Para os intelectuais próximos a Soré, é essencial sobretudo o aspecto ético do movimento; é missão do proletariado salvar o mundo da degenerescência moral que o ameaça; sem se preocuparem muito com o futuro distante, viam no proletariado o berço de um próximo renascimento moral.

Condição indispensável para a passagem do capitalismo ao socialismo era, para os sindicalistas revolucionários, o desenvolvimento do antagonismo de classe entre proletários e burgueses; assim, da obra de Marx, eles assimilavam quase exclusivamente a definição do papel atribuído à luta de classe no desenvolvimento da sociedade, sem aceitarem todas as implicações do materialismo histórico; que permitiam aos marxistas ortodoxos encerrar com otimismo os processos futuros do crescimento capitalista, por causa das crescentes contradições que ele iria gerar. Por isso, os sindicalistas revolucionários se preocupavam com todo fenômeno que pudesse provocar um enfraquecimento desse antagonismo, a começar por toda forma de compromisso e de acordo com o adversário de classe. A hostilidade em face de qualquer manifestação que pudesse diminuir a oposição total do proletariado à sociedade existente e integrá-lo nela permeava toda a descrição da relação entre a revolução e as reformas na estratégia política do sindicalismo revolucionário, que tendia a negligenciar qualquer perspectiva de melhoria imediata da condição operária através da legislação social.

Essa atitude em face das reformas sociais não era evidentemente destituída de relação com a profunda desconfiança diante do Estado, no qual os sindicalistas revolucionários viam apenas o instrumento para realizar os interesses da burguesia. As próprias conquistas da classe operária, obtidas por via parlamentar, apresentavam o risco - segundo eles - de levar ao enfraquecimento da hostilidade da classe operária em face do Estado e de diminuir a tensão contra os empregadores. Tão-somente as concessões obtidas através da luta eram consideradas de modo positivo, na medida em que aumentavam o antagonismo de classe.

Os sindicalistas revolucionários apresentaram sua ideologia e seu movimento não apenas como o instrumento de transformação do sistema social, mas também como uma concreta concepção da existência

humana, como meio de profunda transformação da moral social; estavam convencidos, como Soré, de que o progresso moral é não menos indispensável que o progresso na esfera dos meios de produção, precisamente em vista da finalidade de formar a nova ética dos criadores livres da futura sociedade socialista.

Se a sociedade socialista era vista como uma sociedade sem Estado, os meios de produção deveriam ser confiados aos produtores livres, capazes de desenvolver a "libertação do trabalho". O ideal do sindicalismo era a criação de uma organização da produção onde a coerção externa, enquanto elemento indispensável da disciplina de trabalho, seria substituída pela autodisciplina interior. Vale a pena talvez observar que Soré tentava em particular as consequências de uma crescente psicologia do consumo, que danificaria o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, mas seria particularmente deletéria na sociedade socialista, constituindo um obstáculo para os grandes investimentos, que exigiam pesadas renúncias. Todavia, ele acreditava possível evitar esse perigo no curso do desenvolvimento do comércio criado entre os operários, graças à sua inclinação pelo trabalho sem lucro e à sua capacidade de sacrifício, caso essas fossem solicitadas em nome de objetivos elevados.

As concepções dos sindicalistas revolucionários, no que se refere à forma da futura sociedade e ao processo de transformação socialista, jamais foram bem definidas. A própria aversão deles por qualquer forma de organização estatal os levava a indicar muito sumariamente as organizações "antiestatais" que deveriam ser constituídas pela classe operária. Ademais, segundo eles, não era possível prever cientificamente o desenvolvimento social; eles cultuavam a espontaneidade, embora a passagem para a propriedade social dos meios de produção e sua administração fossem previstas como sendo obra dos sindicatos. Assim, Arturo Labriola e Enrico Leone insistiam na tese de que a passagem para o novo sistema não seria um salto, mas um processo, o qual não poderia ser realizado antes que o proletariado houvesse alcançado a capacidade de dirigir autonomamente a produção. Enquanto os operários reunidos em sindicato não tivessem desenvolvido essa capacidade, a revolução não seria possível. Organizações de vários setores produtivos deveriam assegurar, inclusive através de formas de arrendamento a capitalistas, a gestão de determinados ramos da produção; somente depois é que poderiam assumir-lhes como suas propriedades, eventualmente por meio do pagamento de uma indenização. Leone apresentava o socialismo como um sistema onde a produção seria dirigida por grupos autônomos de operários de várias empresas, na medida em que grupos de produtores - sob a direção dos sindicatos -

firmandos contratos e acordos, dando vida a formas federativas de tipo paritcular. Plekhánov, que mais do que outros marxistas desenvolveu uma crítica contra essas concepções, chegou a afirmar corretamente que – apesar da sua fraseologia revolucionária – o sindicalismo revolucionário revela um caráter profundamente reformista, mais vago ainda do que a concepção dos reformistas propriamente ditos.

5. *Insuflências históricas e estratégias inadequadas*

Embora as concepções aqui examinadas se afirmassem todas elas como ligadas ao marxismo, e se houvessem formado em condições históricas análogas, ou seja, no início da formação política de fortes movimentos operários, num período em que não existia uma situação revolucionária, são evidentes as grandes divergências que existiam entre elas, seja no que se refere aos objetivos finais, seja quanto às metas mais próximas. Decerto, é possível também encontrar pontos de contato e analogias: por exemplo, revisionistas e sindicalistas revolucionários atribuíam grande importância à preparação da classe operária para a realização das transformações socialistas, à criação nela das capacidades mentais e intelectuais consideradas como indispensáveis à essa formação. Todavia, os métodos que eles propunham seguir para essa formação eram bastante diferentes. Do mesmo modo, tanto marxistas ortodoxos quanto sindicalistas revolucionários apontavam para a luta de classe, mas certamente não estavam de acordo na análise de seus origens, dos fatores que a desenvolviam, das próprias perspectivas de seu desenvolvimento futuro. Ou os sindicalistas revolucionários e a *Neue Linké* punham como objetivo "treinar" a classe operária para a luta, mediante ações de massa; mas, para uns, a organização responsável deveria ser o sindicato, enquanto para os outros teria de ser o partido; e, além do mais, essas duas instituições eram concebidas de modo absolutamente diferente por essas duas tendências.

Na base dessas divergências e dessas contrastes, geralmente bastante ásperos, estavam opiniões, avaliações, prognósticos diferentes, referentes ao processo histórico, ao desenvolvimento da sociedade, à própria essência do capitalismo e do socialismo. Evidentemente, para tais diversidades profundas, influíam não apenas os condicionamentos sociais, próprios de cada país europeu onde tais correntes e movimentos se desenvolviam, mas as próprias tradições e experiências peculiaridades dos vários movimentos operários, as diferentes componentes sociais dos partidos, a composição do proletariado. Obviamente, deve-se também investigar o papel que essas diferentes correntes desempenhavam em face das situações particulares e da visão geral dos processos políticos na Europa da época. É uma questão que envolve o estado de

isolamento – desejado ou temido – do movimento operário; ou, ao contrário, sua integração – também ela desejada ou combatida – nas estruturas sociais e políticas existentes. Finalmente, deve-se avaliar também a possibilidade de atribuir essas diferenças a expoentes e líderes individuais do movimento operário daquele tempo.

Colocar tais questões pode ser útil em vista de pesquisas ulteriores, mas naturalmente não será possível, neste ensaio, dar-lhes uma resposta. Um outro problema, ao contrário, pode ser abordado, pelo menos sumariamente: o valor da previsão estratégica dessas várias correntes ideológicas e políticas. A concepção dos sindicalistas revolucionários tinha indubitavelmente um escasso conteúdo de prognóstico, ainda mais que seus próprios expoentes negavam a previsibilidade do desenvolvimento social. A esquerda social-democrata, por seu turno, desenvolveu uma concepção que, sob muitos aspectos, era próxima à dos marxistas ortodoxos, em particular no que se refere à análise do sistema capitalista, das relações entre as classes e das superestruturas. Decerto, o significado dessas análises e dessas previsões deveria ser comparado com a atividade realizada e com os resultados obtidos por movimentos que, fundamentalmente, tinham como meta uma transformação radical da sociedade. Não é fácil, por outro lado, avaliar-se – examinando apenas os partidos socialistas, que já constituíam naqueles anos uma força política real – suas concepções estratégicas podem nos aparecer como coerentemente realizáveis. O problema é precisamente o de mergulhar naquela realidade para compreender as possibilidades de ação existentes em relação com as diversas estratégias. No caso da concepção "ortodoxa", tal como foi formulada e desenvolvida no que pode ser considerado como o partido-guia da Segunda Internacional, a social-democracia alemã, deve-se dizer que uma sua avaliação encontra imediatamente um obstáculo no fato de que, segundo a hipótese por ela formulada, a luta pelo poder só poderia ser empreendida caso se apresentasse uma situação objetivamente revolucionária; e, como se sabe, tal situação apresentou-se apenas nos anos na Primeira Guerra Mundial, quando o partido já estava profundamente dilacerado, e apenas uma de suas frações, a USPD (o Partido Social-Democrata Independente), mantinha-se fiel à velha concepção.

Se limitarmos o espaço de tempo examinado ao período em que se verificou o florescimento da Segunda Internacional (e, com efeito, com a Revolução de Outubro, criou-se uma situação inteiramente nova e imprevisível), tampouco é fácil formular um juízo sobre a estratégia revisionista. A democratização da sociedade capitalista, prevista por Bernstein, não se verificou, embora em alguns países (Itália, Áustria, Hungria, Suécia), tenham ocorrido melhoramentos; e embora,

sobre tudo, tenha se verificado a introdução do sufrágio universal. Mas, em geral, no campo das grandes reformas sociais, deve-se notar uma paralisia profunda; e, em países como a França e a Alemanha, até mesmo casos de regressão. Ao contrário das previsões dos revisionistas, e talvez confirmando as de seus adversários, os contrastes de classe — depois dos anos situados entre os dois séculos — não se atenuaram absolutamente, mas frequentemente se aguçaram, não tendo se verificado o aumento dos salários reais e do padrão de vida dos operários, previsto por Bernstein. Além disso, contra as indicações revisionistas, a economia capitalista certamente não conheceu um desenvolvimento mais harmonioso, ao mesmo tempo em que as relações internacionais assistiram ao crescimento dos mais violentos contrastes, até a dramática crise do verão de 1914.

Considerando o fato de que, para a realização da visão estratégica dos revisionistas, assim como para a da esquerda social-democrata ou para a dos sindicalistas revolucionários, faltaram as premissas elementares, e de que essas correntes não conseguiram obter um vasto apoio nos partidos e nos movimentos operários da época, pode-se concluir que suas concepções não eram adequadas às condições existentes. Mas o juízo, certamente bastante complexo, torna-se ainda mais difícil se realizarmos uma comparação com as posições dos marxistas ortodoxos.

A estratégia e a ideologia do SPD são frequentemente acusadas de ter reduzido à impotência o mais forte partido alemão, através de um gradualismo reformista, de uma visão determinista da revolução, da passividade política e do imobilismo. São críticas dirigidas àquele partido já no curso do *Bernsteindebatte* e da chamada "crise do marxismo", nos albores do século XX. Por outro lado, não se pode negligenciar o fato de que os adversários do SPD não julgavam de modo algum esse partido como sendo impotente; tanto é assim que — para usar as palavras pronunciadas em maio de 1914 por um ativista da ala esquerda do Zentrum, o partido católico alemão — "o problema mais grave que deve ser resolvido na política interna do Reich é a destruição da grande força que é o SPD".

Indubitavelmente, havia uma enorme desproporção entre a força do SPD — tal como resultava do número dos seus inscritos, da potência de suas organizações, da amplitude do seu eleitorado — e a influência real exercida por esse partido na vida política, até as vésperas da Primeira Guerra Mundial. O próprio Kautsky parece ter tomado consciência dessa desproporção — objeto de uma aspera crítica da esquerda, assim como da direita social-democrata —, chegando a indagar, no fim de 1913, num artigo para a *Leipziger Volkszeitung*, no qual tentava

fazer um balanço da atividade do Partido, se era necessário buscar novos métodos capazes de assegurar melhores resultados para a classe operária.

Com frequência, referindo-se aos eventos de agosto de 1914 e à atitude adotada naquele momento crucial pelo SPD, é difícil escapar a um juízo negativo. Todavia, é preciso reconhecer que, se por um lado emergiram então claramente tendências oportunistas e nacionalistas, há muito latentes, mas ocultas sobretudo por uma fraseologia revolucionária, verificou-se naquela ocasião, por outro lado, uma virada indubitavelmente decisiva na atitude das massas social-democratas. Só uma análise muito detalhada e aprofundada da vida daquele Partido poderia dar uma solução para esse dilema; certamente, com o passar dos anos, desenvolveu-se um processo gradual, frequentemente inconsciente, de integração de largos estratos da classe operária e de membros da social-democracia nas estruturas existentes. Para isso concorreram poderosos fatores de caráter geral, aos quais o movimento operário socialista — em seu conjunto — não soube reagir com suficiente vigor e eficiência; e nisso fracassaram os marxistas ortodoxos, que — por suas posições e sua autoridade — arcavam com a maior responsabilidade; mas fracassaram também aquelas correntes que desenvolveram estratégias alternativas, as quais se revelaram inadequadas para promover um movimento revolucionário de massa no Ocidente.